

A PRODUÇÃO DO MAL ESTAR DOCENTE NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO INFANTIL DE PELOTAS - DADOS QUALITATIVOS

CAVALHEIRO, Rosemeri da Cruz¹; MARTINS, Maria de Fátima Duarte²

¹Universidade Federal de Pelotas, licenciatura em Pedagogia; ²Universidade Federal de Pelotas, Departamento de Fundamentos da Educação. duartemartinsneia@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Apresento aqui os resultados qualitativos da pesquisa 'A Produção do Mal-Estar Docente nas Escolas Municipais de Educação Infantil de Pelotas', financiada pelo CNPq. Pesquisa essa que investiga os fatores que levam as professoras ao adoecimento físico e psicológico. Trata-se do desdobramento de uma pesquisa anterior – Constituição das Doenças da Docência (Docenças) –, na qual foi constatado que as professoras de Educação Infantil são as que apresentam maiores problemas de saúde no quadro de professores da rede municipal de Pelotas e, por consequência, as que mais solicitam licenças de saúde.

Deste modo, a fim de analisar as causas desse mal-estar docente relacionado ao processo de trabalho dessas professoras, está sendo realizada a pesquisa que se desdobra em duas etapas: uma quantitativa, na qual foi utilizado o instrumento de coleta de dados Job Content Questionnaire (JCQ), para capturar as demandas psicológicas de cada docente em relação ao seu processo de trabalho, e, outra, qualitativa, contribuindo para contextualizar os dados obtidos pelo JCQ e explorando os sentidos e os significados que as docentes atribuem à educação e ao seu trabalho como educadoras.

Aqui apresento o enfoque qualitativo da pesquisa, explorando os dados coletados nas entrevistas com as professoras de educação infantil, tentando compreender as causas que as levam ao adoecimento, bem como problematizando a atual relação entre o processo de trabalho educativo e a saúde das professoras.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

A pesquisa está sendo realizada em duas etapas, sendo uma quantitativa, na qual foram aplicados questionários às professoras da rede municipal de educação infantil de Pelotas, utilizando como instrumento de coleta de dados o Job Content Questionnaire (JCQ) – questionário sobre o conteúdo do trabalho. Instrumento elaborado por Karasek (1985), que procura capturar as demandas psicológicas de cada trabalhador em relação ao seu processo de trabalho. O instrumento é composto por 49 questões, em sua versão recomendada, e aborda os aspectos psicossociais presentes no ambiente de trabalho.

Na segunda etapa – a que aqui me ateno –, a qualitativa, foram analisadas, através de entrevistas semi-estruturadas com 14 docentes (50% das escolas), as práticas educacionais das professoras, o seu cotidiano de trabalho e tudo o que as cerca neste ambiente.

As entrevistas foram realizadas nas próprias escolas, sendo solicitadas para a entrevista as professoras que tivessem participado da primeira etapa da pesquisa. Em geral, as próprias professoras se dispuseram a falar, disponibilizando seus horários de intervalo. As falas foram gravadas e, posteriormente, transcritas e categorizadas. O processo está em fase de conclusão.

As perguntas foram elaboradas de modo que cada professora pudesse relatar o seu dia a dia de trabalho, como ele era organizado, quais as atividades realizadas e o grau de atenção exigido em cada uma delas; se a professora poderia contar com apoios externos, como era a estrutura física da escola, se ela precisava fazer tarefas da escola em sua casa e qual a importância da educação infantil e da professora de educação infantil.

Em um segundo eixo, foi perguntado se ela acreditava que o trabalho em educação infantil poderia ocasionar problemas de saúde, se ela já havia tirado licença de saúde e se as relacionava ao seu trabalho como educadora. Ao final da entrevista, e até mesmo durante ela, havia possibilidade das professoras falarem livremente sobre qualquer assunto que quisessem acrescentar.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Fortalecendo os dados obtidos pelo JCQ, se podem perceber os fatores que contribuem para o adoecimento dessas docentes, ressaltando como fatores agravantes desse processo a intensificação e a longa jornada de trabalho a que as docentes estão submetidas, além das precárias condições materiais das escolas e a falta de apoio e de incentivo por parte do poder Público.

As professoras reclamam principalmente da jornada semanal de quarenta horas, que não lhes possibilita um horário para o planejamento de suas atividades, bem como das turmas serem de turno integral, pois, desse modo, a atenção precisa ser constante, não havendo porosidade nem no horário de almoço das docentes que, muitas vezes, precisam utilizar este tempo para cuidar de alguma criança que não esteja adaptada ao ambiente escolar, ou apresente problemas de saúde ou de comportamento, o que gera mais intensividade no processo de trabalho. Também se destaca o fato dessas docentes serem, na grande maioria, mulheres, que ainda ao chegar a suas casas tem mais as tarefas domésticas para serem cumpridas.

As docentes vêm experimentando então uma rápida intensificação do processo de trabalho, escassa porosidade no cotidiano escolar e atividades que se acumulam e se misturam ao trabalho doméstico. Acrescenta-se a isso os piores salários da rede e o desprestígio frente à sociedade próxima, que não as percebe como profissionais da educação.

Nesse contexto, ao invés de recorrer a algum estatuto profissional, as professoras multiplicam discursos pastorais sobre o significado do trabalho educativo com crianças, implicando sacrifícios pessoais que repercutem na saúde física e emocional dessas docentes, além de comprometer a qualidade da educação.

Muitas dessas docentes ainda demonstram uma visão romântica da educação, acreditando que o trabalho com as crianças é a base para que elas tenham perspectivas de um futuro melhor. E mais, algumas delas nem se percebem como professoras de fato, por associarem a Educação Infantil apenas ao cuidado de crianças, sem maiores finalidades educativas.

Desta forma, pode-se perceber que há uma dimensão simbólica na fala da maioria das entrevistadas que ainda percebe o magistério como sacrifício, implicando em aceitar as condições de trabalho e tentar sobrepor-se – pelo esforço e sacrifício individual – a dificuldades de todas as ordens, para que seus alunos progridam. Outras já estão tão desmotivadas pelo descaso do poder Público e da própria sociedade, além da rotina desgastante do ambiente escolar, que se

acomodam ou trabalham mesmo sem condições psicológicas e físicas favoráveis, e passam a perpetuar o mito de que a escola pública não precisa ter qualidade.

Assim, a educação passa a ser vista como uma missão e suas trabalhadoras constituídas com um *ethos* pastoral, que diz que ser professora independente dos seus sofrimentos, pois precisa guiar seus alunos.

Essa combinação de profissão e sacerdócio vem deslegitimando as professoras como profissionais, criando mecanismos de interferência sobre o processo de trabalho docente, cada vez mais alinhado com aquilo que está prescrito nos documentos oficiais – da política municipal e da política curricular –, independentemente das realidades encontradas nas escolas.

Mas, em meio a tantos desafios e dificuldades enfrentados por essas professoras, ainda pode-se perceber uma constante luta da categoria, tanto por melhores condições salariais quanto por um reconhecimento da Educação Infantil como modalidade de educação, desvinculando-a do caráter assistencialista a que lhe tem sido imposto. Percebe-se isso, principalmente, pela busca constante de qualificação da maioria dessas professoras.

4 CONCLUSÃO

Em grande parte dos relatos das professoras se tem encontrado aspectos semelhantes que reafirmam os dados coletados na primeira etapa da pesquisa: carência em nível de infraestrutura nas escolas e de material de qualidade para a realização do trabalho; suporte e apoio por parte das colegas de trabalho e das direções imediatas; falta de apoio do poder público; intensificação deste trabalho.

A partir do que foi dito pode-se pensar o quanto o ambiente e as condições de trabalho a que essas docentes estão expostas acabam por influenciar em na saúde individual, como é o fenômeno da intensificação do trabalho que as docentes vêm experimentando. Mais que isso, o fato de acreditarem que tem a missão de educar acima de quaisquer circunstâncias tem contribuído para que seja gerado esse mal-estar, e aprofundado o adoecimento e os pedidos de licença de saúde das professoras.

Destaco, por fim, que estes ainda são dados preliminares da pesquisa, mas que já apontam os principais fatores que influenciam na saúde ou no adoecimento dessas professoras. É de extrema importância a luta para que essas profissionais sejam reconhecidas em nosso país, tanto por meio de uma remuneração justa quanto por parte da sociedade em geral.

5 REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Tânia Maria de et al. Estresse Ocupacional e Saúde: contribuições do Modelo Demanda-Controle. *Ciência e Saúde Coletiva*, 8(3): 285-297, 2003.

VIEIRA, Jarbas Santos; GARCIA, Maria Manuela Alves; MARTINS, Maria de Fátima Duarte; ESLABÃO, Leomar; SILVA, Aline Ferraz da; BALINHAS, Vera Gainssa; FETTER, Carmem Lucia da Rosa; BUGS, Vanessa. Constituição das Doenças da Docência (Docença). *Relatório de Pesquisa*. Brasília: CNPq; Pelotas: UFPel, 2009.

VIEIRA, Jarbas Santos; ESLABÃO, Leomar; GONÇALVES, Vanessa Bugs. *Trabalho Docente e Saúde das Professoras de Educação Infantil de Pelotas*. Pelotas, Ufpel. mimeo.